TERAPIA DA ALMA NA TRADIÇÃO CRISTÃ ORTODOXA

Os ensinamentos dos Santos Padres para a restauração do coração humano



CARTILHA VIII

A AVAREZA E O APEGO MATERIAL

A liberdade interior e a generosidade

Edição de estudo em português contemporâneo, com reflexões pastorais fundamentadas nas Escrituras e na tradição cristã ortodoxa. A ilustração de abertura é uma composição artística contemporânea, não um ícone histórico.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo

www.iaoa.com.br

Apresentação

Esta cartilha estuda a avareza e o apego material como desafios da liberdade interior, distinguindo a crítica ao amor desordenado às riquezas do trabalho, do planejamento e do cuidado familiar.

As referências bíblicas e patrísticas, sobretudo Cassiano e Crisóstomo, são acompanhadas de comentários pastorais atuais. As regras próprias da vida monástica não devem ser indiscriminadamente impostas aos demais fiéis.

A caridade não dispensa justiça. As ofertas à Igreja são livres e nunca compram bênçãos ou sacramentos.

“Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.” — Mateus 6,21

Roteiro de estudo

São dezesseis temas acompanhados de práticas pastorais, oração e referências para leitura individual e formação paroquial.

1. O coração diante dos bens materiais

A vida material é parte legítima da existência. Alimentação, moradia, trabalho, estudo, transporte e segurança exigem recursos. O Evangelho não ensina desprezo pelo corpo, pela família ou pelas responsabilidades econômicas. Ao contrário, convida a administrar esses recursos com justiça, gratidão e consciência de que toda pessoa possui dignidade.

A questão espiritual surge quando aquilo que deveria servir à vida passa a governar o coração. A pessoa mede seu valor apenas pelo patrimônio, julga os outros pelo que possuem e passa a temer continuamente qualquer perda. Nesse movimento, os bens deixam de ser instrumentos de serviço e tornam-se senhores da existência.

A tradição ortodoxa chama à liberdade: possuir sem ser possuído; trabalhar sem idolatrar o resultado; economizar prudentemente sem fechar os olhos às necessidades alheias. É possível ser rico e generoso, assim como é possível ter poucos bens e alimentar uma cobiça incessante.

Para refletir: aquilo que tenho favorece a vida, a gratidão e a caridade — ou condiciona minha paz e a minha identidade?

2. O que os Santos Padres chamam de avareza

Na linguagem ascética, avareza é o apego desordenado ao dinheiro e à acumulação. Não é simplesmente o ato de economizar, organizar despesas ou planejar o futuro; é uma orientação interior que faz do possuir um objetivo absoluto. O amor ao dinheiro passa a influenciar decisões, relações e consciência moral.

Evágrio Pôntico descreveu o pensamento da avareza entre os oito pensamentos que podem perturbar a vida espiritual. São João Cassiano tratou amplamente do tema no livro VII das Instituições Cenobíticas, alertando para a capacidade desse apego de apresentar justificativas aparentemente razoáveis e crescer à medida que é alimentado.

As observações de Cassiano foram dirigidas sobretudo à vida monástica. Ao aplicá-las aos fiéis que sustentam famílias e trabalham no mundo, precisamos considerar as diferenças de vocação. O ideal não é impor indistintamente uma regra monástica a todos, mas cultivar liberdade interior e justiça no uso dos bens.

Pergunta pastoral: estou discernindo com sinceridade uma necessidade real ou usando argumentos respeitáveis para encobrir uma busca ilimitada de segurança?

3. Os ensinamentos de Jesus sobre a riqueza

No Sermão da Montanha, Cristo aconselha a não acumular tesouros como se tudo terminasse nesta vida e ensina que o coração acompanha aquilo que considera seu tesouro (Mateus 6,19–21). O ensinamento não desvaloriza o trabalho: questiona a confiança absoluta naquilo que é transitório.

Na parábola do rico insensato (Lucas 12,16–21), o homem concentra toda a sua atenção em ampliar celeiros. Sua pergunta interior é apenas onde armazenar a abundância; não aparece lugar para o próximo, para a gratidão ou para a fragilidade da própria vida. O erro é construir toda a existência sobre a acumulação.

Ao jovem rico (Marcos 10,17–22), Jesus apresenta um convite radical ao seguimento. O encontro demonstra que uma pessoa pode cumprir muitas normas religiosas e, mesmo assim, permanecer impedida de responder ao amor por causa daquilo que não consegue soltar. A conversão exige perceber qual vínculo nos domina.

Exercício: releia Lucas 12,13–21 e pergunte que lugar os outros ocupam nos seus planos de prosperidade.

4. São João Crisóstomo: riqueza, uso e misericórdia

São João Crisóstomo distingue com firmeza o patrimônio da avareza. Ao comentar os ensinamentos apostólicos sobre os ricos, esclarece que possuir bens não é necessariamente pecado; o perigo está na soberba, na confiança nas riquezas e na recusa da caridade. O que importa não é apenas quanto se possui, mas como se vive.

Em sua segunda homilia Sobre as Estátuas, ao comentar 1 Timóteo 6,17, o santo adverte sobre a instabilidade da fortuna e sobre a necessidade de humildade. Em sua reflexão sobre o rico e Lázaro, não transforma a pobreza em virtude automática nem a riqueza em condenação inevitável: denuncia a dureza de coração.

Esse discernimento é pastoralmente valioso. O empresário pode promover salários justos, honestidade e auxílio aos necessitados. A família de recursos modestos pode viver a partilha por gestos de acolhida. A Igreja não deve alimentar ressentimento contra pessoas prósperas nem abençoar a exploração.

Aplicação: avaliar a justiça no modo de ganhar, conservar e partilhar é tão importante quanto considerar o montante doado.

5. A tentação da falsa segurança

O dinheiro oferece possibilidades concretas de proteção, mas não elimina toda incerteza da vida. Quando se torna fundamento único de segurança, a pessoa começa a acreditar que sempre precisará de mais. O futuro passa a ser imaginado como uma sequência de riscos a serem dominados pela acumulação.

São João Cassiano descreve como o pensamento avarento pode crescer sob a justificativa de enfermidades futuras, velhice e possíveis dificuldades. O alerta não equivale a condenar previdência ou planejamento responsável; ele mostra como o medo, sem discernimento, pode converter prudência em aprisionamento.

É saudável guardar recursos proporcionais às circunstâncias, proteger dependentes e evitar dívidas imprudentes. Não é saudável sacrificar permanentemente a convivência, a saúde, o descanso e o cuidado dos outros para acrescentar indefinidamente ao patrimônio. A confiança em Deus não dispensa organização, mas relativiza a pretensão de controlar tudo.

Para a oração: Senhor, ensinai-me a ser prudente sem me tornar escravo do medo.

6. O trabalho digno e a justa administração

A tradição cristã valoriza o trabalho honesto. O esforço para prover alimento, abrigo, educação e tratamento médico aos familiares é uma expressão de responsabilidade. O cristão não precisa sentir culpa por buscar estabilidade ou por administrar cuidadosamente o que recebe.

A pergunta espiritual envolve os meios e os fins. Um ganho obtido por fraude, corrupção, manipulação ou exploração não se torna moralmente correto por financiar uma oferta religiosa. A caridade também não substitui o dever de pagar salários, quitar compromissos e reparar injustiças.

Para a vida cotidiana, convém organizar prioridades: necessidades essenciais, deveres assumidos, reserva possível, generosidade e consumo consciente. Transparência nas contas familiares e eclesiais pode prevenir conflitos e abusos. A responsabilidade cristã une o trabalho honrado e o reconhecimento dos direitos de quem participa da produção de bens e serviços.

Prática: faça uma revisão simples dos recursos do mês e identifique uma despesa dispensável e uma necessidade humana que pode ser atendida.

7. A parábola do rico e de Lázaro

Em Lucas 16,19–31, o Evangelho apresenta um homem rico que vive em abundância e Lázaro, coberto de feridas, deitado à sua porta. A narrativa não afirma que todo rico seja cruel. Sua força reside no contraste entre a proximidade física e a distância moral: alguém sofre a poucos passos e não recebe cuidado.

A indiferença pode instalar-se silenciosamente. Uma comunidade religiosa celebra belas liturgias, mas deixa seus idosos abandonados; uma família organiza grandes festas, mas ignora um parente enfermo; uma empresa cresce enquanto empregados vivem submetidos a condições indignas. A parábola pede que a prosperidade não nos torne cegos.

Ao mesmo tempo, nenhuma pessoa pobre deve ser instrumentalizada como objeto de exibição da generosidade alheia. A assistência cristã precisa proteger a dignidade, ouvir necessidades reais e evitar humilhações. O próximo não é um recurso para engrandecer nossa imagem: é nosso irmão ou irmã.

Pergunta: quem está à porta de minha casa, do meu trabalho ou de nossa paróquia sem receber atenção?

8. A avareza também pode existir na pobreza

São João Cassiano ensina que a ausência de dinheiro, por si mesma, não elimina o desejo de possuir. Uma pessoa com poucos recursos pode alimentar diariamente fantasias de riqueza, inveja e ressentimento; uma pessoa de muitos recursos pode conservar sobriedade e generosidade. A atitude do coração requer atenção em ambas as situações.

Essa observação nunca deve ser usada para culpar os pobres por sua condição. Desemprego, desigualdade, enfermidade e ausência de oportunidades exigem respostas solidárias e sociais, não acusações moralizantes. A pobreza involuntária não é falha espiritual, e pedir ajuda não significa falta de fé.

O discernimento cristão evita dois extremos: idealizar toda pobreza e demonizar toda riqueza. A pergunta fundamental permanece: como tratamos os outros, quais valores guiam nossas escolhas e que lugar a misericórdia ocupa na vida concreta?

Lembrete pastoral: antes de aconselhar desapego a alguém, verifique se essa pessoa tem alimento, moradia e cuidados essenciais.

9. A generosidade como exercício de liberdade

A generosidade não consiste apenas em transferir dinheiro. Em sua homilia sobre Atos 11, São João Crisóstomo reconhece a ajuda material, mas também o serviço, a atenção, a orientação e a competência profissional oferecida em benefício de quem necessita. A pessoa humana pode partilhar tempo, trabalho, conhecimento e presença.

Para que a partilha seja verdadeira, precisa nascer de uma escolha livre e responsável. Não se deve pressionar financeiramente fiéis vulneráveis, sugerir que uma contribuição compra milagres ou associar o valor espiritual da pessoa ao tamanho da doação. A Igreja tem obrigação de zelar pela integridade das ofertas recebidas.

A solidariedade pode ser simples: preparar alimento, acompanhar um enfermo, ensinar uma habilidade, contribuir com uma necessidade comunitária ou aliviar uma despesa urgente de alguém. A repetição discreta desses gestos ensina ao coração que ele pode abrir as mãos sem perder a própria dignidade.

Prática semanal: escolha um gesto concreto de generosidade que não produza exposição ou constrangimento a quem o recebe.

10. Bens, herança e conflitos familiares

Disputas por herança, propriedades e decisões financeiras podem romper relações durante anos. Por trás dos valores monetários, surgem frequentemente antigas feridas: favoritismo, disputas entre irmãos, sentimentos de abandono e falta de comunicação. A orientação espiritual deve reconhecer essa complexidade.

O sacerdote pode favorecer diálogo e reconciliação, mas não substitui advogado, mediador ou profissional habilitado para resolver questões patrimoniais. Não deve constranger uma vítima de fraude a renunciar a seus direitos sob o pretexto do perdão. Misericórdia e justiça não são inimigas.

Em conflitos familiares, convém separar o cuidado das pessoas da negociação dos bens. Documentos claros, prestação de contas e acordos voluntários previnem litígios. Mesmo quando a relação precisa de limites, cada envolvido pode trabalhar para evitar ódio, humilhação e vingança.

Questão prática: que conversa justa e respeitosa poderia impedir que um bem material destrua um vínculo humano?

11. O consumo e a comparação permanente

A publicidade e as redes sociais estimulam comparações frequentes. O indivíduo é convidado a sentir-se incompleto por não possuir determinado objeto, veículo, imóvel ou estilo de vida. O desejo deixa de relacionar-se ao uso real e passa a buscar reconhecimento e posição social.

Essa dinâmica alimenta a vaidade e a avareza. Comprar pode tornar-se uma forma de tentar aliviar insegurança, tristeza ou sensação de inferioridade. A satisfação, entretanto, costuma ser breve quando o consumo pretende resolver feridas que exigem atenção humana, espiritual ou psicológica.

A sobriedade cristã propõe liberdade para admirar a beleza do mundo sem fazer de toda novidade uma obrigação. Antes de adquirir algo, é útil perguntar: preciso disso? Posso pagar sem prejudicar compromissos? Estou comprando para servir à vida ou para demonstrar superioridade? A escolha consciente fortalece a temperança.

Exercício: antes de uma compra não essencial, aguarde um dia e observe o desejo sem se deixar governar por ele.

12. A vida litúrgica e o desapego

Na Divina Liturgia, os fiéis apresentam a Deus os dons da criação e oferecem-se, em comunhão, ao serviço do Reino. A ação de graças recorda que a vida é dom recebido e que o pão não pode ser transformado apenas em instrumento de distinção social.

A participação na Eucaristia pede coerência com a caridade. Ao recordar os enfermos, os necessitados e todos os aflitos, a Igreja forma a consciência de uma comunidade que não existe para si mesma. O culto não substitui a justiça, mas deve fortalecer a disposição de praticá-la.

A confissão, a direção espiritual e a oração do coração ajudam a examinar os vínculos interiores. Nesses momentos, convém abandonar comparações e perguntar com simplicidade: minha relação com os bens torna meu coração mais aberto ou mais endurecido? Estou disponível para escutar o clamor de quem sofre?

Ação paroquial: unir as intenções da Liturgia a iniciativas verificáveis de visitação, auxílio e acompanhamento dos necessitados.

13. Cinco situações de acompanhamento pastoral

Situação 1. Um comerciante prospera, mas teme partilhar qualquer quantia. O acompanhamento pode ajudá-lo a distinguir planejamento de medo compulsivo, sem exigir doações precipitadas. **Situação 2.** Uma família contrai dívidas para aparentar riqueza. Cabe trabalhar sobriedade, diálogo e orientação financeira responsável.

Situação 3. Irmãos deixam de se falar por uma herança. O sacerdote pode estimular a paz, respeitando os direitos legais. **Situação 4.** Uma pessoa pobre sente vergonha de receber ajuda. É essencial oferecer assistência com discrição, sem discursos que diminuam sua dignidade.

Situação 5. Uma liderança religiosa usa o medo ou falsas promessas de cura para pressionar pessoas a doar. A comunidade deve proteger os fiéis, exigir transparência e interromper práticas abusivas. Nenhum sacramento ou bênção deve ser comercializado; ofertas legítimas são livres e não compram a graça divina.

Para sacerdotes: a atenção pastoral deve orientar consciências, jamais controlar financeiramente pessoas vulneráveis.

14. Sete práticas para cultivar o desapego

Primeira: agradecer diariamente pelas necessidades já atendidas, sem transformar gratidão em conformismo diante de injustiças. **Segunda:** examinar o orçamento com honestidade, separando necessidades, compromissos e desejos passageiros. **Terceira:** evitar comparações sociais que alimentem a sensação permanente de insuficiência.

Quarta: praticar uma generosidade discreta e proporcional aos próprios meios. **Quinta:** valorizar o cuidado dos objetos, reparando e reutilizando quando possível. **Sexta:** reservar tempo para relações, serviço comunitário e oração, impedindo que a busca material ocupe todos os espaços da existência.

Sétima: rever periodicamente a justiça das próprias relações de trabalho, comércio e consumo. Nenhuma dessas práticas é fórmula automática de santidade. Elas são exercícios de atenção que ajudam a cooperar com a graça de Deus e a desenvolver liberdade no modo de viver.

Proposta: escolha apenas uma prática para começar e mantenha-a com simplicidade por algumas semanas.

15. O sacerdote e a administração responsável da Igreja

A Igreja é chamada a viver de forma coerente com aquilo que prega. O patrimônio comunitário, as ofertas dos fiéis e os recursos de obras sociais exigem finalidade legítima, documentação e prestação de contas. O uso privado e indevido de bens eclesiais fere a confiança espiritual e humana.

O sacerdote deve evitar tanto a ostentação quanto a falsa aparência de pobreza utilizada para obter admiração. A dignidade do ministério depende sobretudo da fidelidade ao Evangelho, do zelo litúrgico e do serviço concreto. Comunidades transparentes inspiram confiança sem transformar contribuições financeiras em prova de obediência religiosa.

Quando surgirem suspeitas de desvio, fraude ou coerção, não basta aconselhar silêncio. Devem existir canais adequados de apuração, proteção das pessoas afetadas e cumprimento das obrigações legais. O discernimento espiritual é inseparável da responsabilidade institucional.

Compromisso comunitário: estabelecer práticas compreensíveis de orçamento, autorização de despesas e prestação de contas.

16. Da posse à comunhão: a verdadeira riqueza

O Evangelho não pede que o cristão abandone toda responsabilidade, mas que ordene a vida a partir do amor. A riqueza mais profunda não pode ser medida exclusivamente por patrimônio, aplausos ou poder: manifesta-se na comunhão com Deus, na amizade, na consciência serena e na capacidade de servir.

A liberdade interior não elimina a importância das condições materiais. Uma criança precisa de alimento e educação; um enfermo, de cuidados; um trabalhador, de remuneração justa. A espiritualidade genuína não romantiza a privação e não utiliza a esperança futura como justificativa para negligenciar necessidades presentes.

O desapego é uma forma de recordar quem somos: pessoas criadas para amar e chamadas à santidade. Os bens têm sua utilidade e seu lugar; não são capazes, porém, de substituir o encontro com Cristo e a responsabilidade de reconhecer o próximo como irmão.

Síntese: não se trata de possuir cada vez menos por vaidade espiritual, mas de ser cada vez mais livre para amar e partilhar.

Conclusão pastoral

O perigo da avareza não está na quantidade de bens, mas quando o desejo de possuir desorganiza o amor a Deus e ao próximo. A tradição ortodoxa propõe sobriedade, honestidade, justiça e generosidade como expressões de liberdade interior.

Buscar uma vida digna e proteger a família não é pecado. O discernimento impede confundir prudência com fechamento, riqueza com valor pessoal ou caridade com poder.

A comunidade transforma oração em misericórdia e recursos em comunhão.

Oração pela liberdade interior

Senhor Jesus Cristo, fonte de toda misericórdia, purificai nosso coração do amor desordenado às riquezas. Ensinai-nos a trabalhar com honestidade, administrar com prudência e partilhar com alegria. Livrai-nos da indiferença diante dos pobres, da vaidade e do medo que nos faz fechar as mãos. Abençoai os desempregados, as famílias endividadas, os enfermos e todos os que necessitam de amparo. Concedei aos responsáveis pela Igreja integridade no uso dos bens confiados à comunidade. Que nada ocupe em nosso coração o lugar do vosso amor. A Vós, com o Pai e o Espírito Santo, seja a glória agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Referências bíblicas e patrísticas

Sagrada Escritura: Mateus 6,19–24; 19,16–26; 25,31–46; Marcos 10,17–22; Lucas 12,13–21; 16,19–31; Atos 2,42–47; 4,32–35; 1 Timóteo 6,6–19; Colossenses 3,5; Tiago 2,1–17.

São João Cassiano. *Instituições Cenobíticas*, livro VII, especialmente capítulos 1, 6–8, 21–22 e 30. Texto público disponível em: https://www.newadvent.org/fathers/350707.htm

São João Crisóstomo. *Homilia II sobre as Estátuas*, especialmente seções 13–15. Texto disponível em: https://www.newadvent.org/fathers/190102.htm

São João Crisóstomo. *Sobre não divulgar os pecados dos irmãos* (Against Publishing the Errors of the Brethren), reflexão sobre riqueza e seu uso. https://www.newadvent.org/fathers/1913.htm

São João Crisóstomo. *Homilia XXV sobre os Atos dos Apóstolos*, sobre as diversas formas de esmola e assistência. https://www.newadvent.org/fathers/210125.htm

Nota editorial: o texto é uma síntese original em linguagem contemporânea. A bibliografia fornece os testemunhos utilizados; as explicações pastorais são aplicações atuais e não equivalem a traduções literais dos Santos Padres.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo

www.iaoa.com.br